



***RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO:
DISCUTINDO GÊNERO NA COMUNIDADE¹***

***INFORME DE EXPERIENCIA DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN:
DISCUTINDO GÉNERO EN LA COMUNIDAD***

***EXPERIENCE REPORT OF AN EXTENSION PROJECT: DISCUSSING
GENDER IN THE COMMUNITY***

Maria Emanuely Andrade Sartori Simões²

Claudia Helena Gonçalves Moura³

RESUMO

Em se tratando de problemas que persistem na sociedade, o enfrentamento da violência contra a mulher e da desigualdade de gênero exige esforços de toda a sociedade. Uma importante forma de enfrentamento é a aliança entre a extensão universitária e a comunidade. Nessa perspectiva, é que foi desenvolvido o Projeto de Extensão “Gênero em discussão: diálogo e intervenção com a comunidade”. O objetivo do presente trabalho é apresentar a experiência da equipe no desenvolvimento de ações que visaram ao combate do fenômeno da desigualdade de gênero. Foram realizados sete eventos, incluindo um evento cultural, além de ter sido oferecido um Curso de formação. Além disso, foram realizadas duas campanhas que objetivaram ajudar mulheres em situação de vulnerabilidade social. O desenvolvimento dessas atividades contribuiu para a comunidade acadêmica e também para a comunidade externa à universidade que

¹ Apoio financeiro: Programa de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade José do Rosário Vellano.

² Discente do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano, Campus Alfenas. Bolsista do Projeto de Extensão “Gênero em discussão: diálogo e intervenção com a comunidade”, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária - PIBEX no período de fevereiro de 2021 a fevereiro de 2022.

³ Docente do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano, campus Alfenas. Pós-doutora e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Orientadora do Projeto de Extensão “Gênero em discussão: diálogo e intervenção com a comunidade”.

receberam mais informações acerca da desigualdade de gênero e puderam refletir sobre as possibilidades de enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Contra a Mulher. Gênero. Extensão Universitária. Diálogo.

RESUMEN

Tratando de problemas que persisten en la sociedad, el enfrentamiento de la violencia y de la desigualdad de género demanda esfuerzos de toda la sociedad. Una importante manera de enfrentamiento es la alianza entre la extensión universitaria y la comunidad, y es dentro de esta perspectiva que fue desarrollado el Proyecto de extensión “Género en discusión: diálogo e intervención con la comunidad”. El objetivo de este trabajo es presentar la experiencia del equipo de extensión, en las acciones que intentaron combatir el fenómeno de la desigualdad de género. Las actividades fueron siete eventos, incluso un evento cultural, y fue ofertado un Curso de formación. Además, realizamos dos campañas para ayudar mujeres en situación de vulnerabilidad. El desarrollo de las actividades ha contribuido para la comunidad académica y la comunidad externa a la universidad, que recibieron informaciones sobre la desigualdad de género y pudieron reflexionar sobre las posibilidades de enfrentamiento.

PALAVRAS-CHAVE: Violencia contra la mujer. Género. Extensión universitaria. Diálogo.

ABSTRACT

When it comes to problems that persist in society, tackling violence against women and gender inequality requires efforts from the society as a whole. A important way of coping is the alliance between university extension and the community, and it is in this perspective that the Extension Project “Gender under discussion: dialogue and intervention with the community” was developed. The present work objective is to present the team's experience in the development of actions aimed at combating the phenomenon of gender inequality. Seven events were held, including a cultural one and a training course was offered. In addition, two campaigns were carried out, which aimed to help women in situations of social vulnerability. The development of these activities contributed to the academic community and also to the community outside the university, which received more information about gender inequality and were able to reflect on the possibilities of confrontation.

KEYWORDS: Violence Against Women. Gender. University Extension. Dialogue.

Introdução

A violência contra a mulher é um dos fenômenos mais preocupantes que se evidencia em nossa sociedade, estando presente tanto no espaço público quanto no privado. Durante a pandemia, 4,3 milhões de mulheres (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que, a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus. Além disso, cerca de 3,7 milhões de brasileiras (5,4%) sofreram ofensas sexuais ou tentativas

forçadas de manter relações sexuais (VISÍVEL E INVISÍVEL, 2021). Ademais, as violências verbal e psicológica têm feito parte do cotidiano das mulheres. Assim, pode-se perceber que a violência contra a mulher vem se perpetuando e se intensificando, sendo necessário que novas ações de prevenção sejam mobilizadas.

Pensando nesse cenário, põe-se em debate a necessidade de novos olhares que visem à diminuição da desigualdade de gênero, sendo que a universidade e, mais especificamente, a extensão universitária, apresenta possibilidades de engajamento comunitário e de destaque para ser uma aliada no enfrentamento dessa problemática. Assim, a extensão possibilita um caminho de reflexão e de debate sobre seu potencial enquanto ferramenta de fortalecimento da função social da universidade (KOGLIN, T., 2019; KOGLIN, J., 2019).

Nessa perspectiva, foi desenvolvido, dentro do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano, Unifenas, campus Alfenas, o Projeto “Gênero em discussão: diálogo e intervenção com a comunidade” que, a partir da relação universidade-comunidade, buscou trazer para o centro de suas discussões os profundos danos que tal realidade tem causado à vida e à saúde mental da mulher. O projeto, tendo sido desenvolvido inicialmente ainda no contexto pandêmico, envolveu o debate de variadas problemáticas, tais como a situação das mulheres em tempo de pandemia, sua invisibilidade em seu ambiente de trabalho, seus direitos sexuais e reprodutivos, os efeitos da divisão sexual do trabalho, a potencialidade da educação escolar feminista, além de discutir o papel da psicologia no enfrentamento à violência contra as mulheres e as minorias e no combate à desigualdade entre homens e mulheres.

A partir do projeto, foi possível realizar atividades que buscaram enriquecer a formação dos discentes de psicologia, visto que a grade curricular dos cursos ainda abarca pouco as questões de gênero. Além disso, esse debate está previsto nos princípios fundamentais do Código de Ética do Psicólogo (2005, p.7), o qual menciona que “o psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Assim, consideramos, tal como aponta Bock (2003), que a psicologia necessita reafirmar seu compromisso social no atendimento às demandas da realidade brasileira, no combate a toda forma de discriminação e de produção de desigualdades. Tendo isso em vista, o projeto buscou debater temas fundamentais da desigualdade de gênero que marcam profundamente a realidade brasileira e também se aproximar da comunidade, o que possibilitou ao

estudante uma reflexão sobre as diversas realidades presentes em seu contexto social e sobre seu compromisso de atuação frente a esse cenário.

Assim, este artigo objetiva apresentar a experiência de desenvolvimento das ações do projeto de extensão supracitado, desenvolvido no Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano – UNIFENAS - e discutir seus resultados tanto no campo social quanto no acadêmico.

Procedimentos Metodológicos

Este artigo traz um relato de experiência das ações promovidas pelo projeto “Gênero em discussão: diálogo e intervenção com a comunidade”, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) da UNIFENAS. A equipe foi constituída por 10 (dez) discentes, dentre os quais, 1 (uma) bolsista, incluídos mediante processo seletivo pré-estabelecido e orientado por 1 (uma) docente do curso de Psicologia. O Projeto foi desenvolvido por 12 (doze) meses, de fevereiro de 2021 até fevereiro de 2022.

Tendo em vista o cenário pandêmico e a impossibilidade de realizar atividades presenciais, como forma de alcançar a comunidade interna e externa à universidade, foram realizados 7 (sete) eventos, incluindo um evento cultural, transmitidos pelas plataformas Google Meet e Youtube. Através dessas plataformas, foi possível maior integração dos discentes e dos palestrantes, além de uma visão interdisciplinar sobre os assuntos propostos, já que houve a presença de profissionais com diferentes perspectivas e com atuações distintas, como profissionais da saúde, pedagogas, psicólogas (os) e historiadores. Destaca-se que os eventos foram previamente divulgados na rede social do Projeto, através da plataforma Instagram.

Concomitantemente aos eventos, foram levantadas demandas da comunidade externa à universidade que expressassem desigualdade de gênero e propostas ações pontuais que pudessem auxiliar mulheres da comunidade e que estivessem ao alcance do projeto naquele momento. Foram realizadas duas campanhas de apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade.

Junto a isso, a conta do Instagram do Projeto, que conta com 651 seguidores, em sua maioria, mulheres, tornou-se uma forma de comunicação com a comunidade acadêmica e com a externa. Até o final do ano de 2021, o perfil do Projeto contou com 184 publicações, sendo publicações escritas, dicas culturais (filmes, documentários,

livros) e vídeos desenvolvidos pela equipe. As publicações foram planejadas e desenvolvidas pela equipe a partir de temas importantes em relação às questões de gênero e seguem os temas desenvolvidos concomitantemente nos eventos. O objetivo desse perfil é a disseminação de conteúdos e de conhecimentos a respeito das questões de gênero, oferecendo aos seguidores maior possibilidade de se informar sobre os assuntos tratados e de ampliar seus conhecimentos a respeito destes.

Além disso, foi produzido o curso intitulado "Violência contra a mulher: informação e prevenção", aprovado mediante edital/2021 de Curso de Inverno da Universidade José Rosário Vellano. O Curso teve como objetivo debater as diferentes manifestações de violência contra as mulheres, a inter-relação entre essas violências, além de disseminar informações sobre as maneiras de apoiar e de orientar as vítimas para a busca de proteção e de suporte adequados. O mesmo curso também foi ministrado durante o XXII Encontro Regional da ABRAPSO Minas, em setembro de 2021, em formato minicurso remoto. Concomitantemente, foi desenvolvido um material de apoio, com o mesmo título do curso e que foi, posteriormente, publicado como livro digital.

Caracterização e discussão sobre os eventos promovidos

Mulheres em tempos de pandemia: um debate necessário

A violência contra a mulher tornou-se um fenômeno que ganhou mais repercussão nacional e internacional no contexto de pandemia da COVID-19 que, apesar de afetar a todos, afeta de modo distinto as pessoas, aprofundando as desigualdades já existentes (BARBOSA *et al.*, 2020). De acordo com a ONU Mulheres (2020), as mulheres têm assumido papel essencial na luta contra a pandemia, assumindo, em contrapartida, custos físicos e emocionais. Além disso, continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não remunerado, pois, nesse contexto, as tarefas de cuidado recaíram principalmente sobre as mulheres, que prestaram cuidados a familiares doentes, a pessoas idosas e a crianças (ONU MULHERES, 2020).

Nesse sentido, o isolamento social, em conjunto com a precarização dos vínculos de trabalhos, com o desemprego, com a dupla jornada de trabalho, acumulando com isso trabalho não remunerado, pode culminar em violências. Junto disso, em um contexto de pandemia, houve o fechamento de serviços que antes ajudavam as mulheres

em suas atividades diárias, como creches e escolas, o que desencadeou maior sobrecarga (BARBOSA *et al.*, 2020).

Destaca-se que essa realidade não trouxe consequências negativas apenas para as mulheres e, mesmo trazendo a estas, atingiu-as de formas distintas. De acordo com Barbosa, Costa e Hechsher (2020, *apud* LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2021), além das mulheres, alguns trabalhadores/as que já estavam em condições desfavoráveis, como jovens, pretos/as e pessoas pouco escolarizadas, foram muito afetadas pela crise, perdendo emprego e renda, além de prejudicar claramente mulheres pobres e pretas. Portanto, a desigualdade de gênero se aprofundou nesse período, pois, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD Covid-19), iniciada em maio de 2020, enquanto o percentual de desemprego entre os homens foi de 11,8% em setembro, entre as mulheres, o percentual foi de 17%.

Levando esses fatos em consideração, como forma de possibilitar maior reflexão sobre essa realidade, o primeiro evento online do Projeto de Extensão teve como tema *Mulheres em tempos de pandemia: um debate necessário*⁴, debatendo-se, com isso, as mudanças ocorridas em razão do isolamento social e suas consequências na vida de muitas mulheres. Nessa Roda de conversa, debateu-se a desvalorização da mulher no contexto econômico e familiar, bem como a permanência das mulheres nos trabalhos informais e no trabalho doméstico não remunerado. Outras questões foram levantadas, como a necessidade de um olhar que considere diferenças de classe e de raça, além do necessário debate sobre os impactos dessas desigualdades na saúde mental da mulher.

As mulheres em busca de protagonismo no mundo: dialogando com a cinematografia nacional

A Vida Invisível é uma adaptação livre do diretor Karim Ainouz para o cinema do livro homônimo de Martha Batalha (2019). O filme, produzido e lançado no ano de 2019, traz a história de duas irmãs que são impedidas de se encontrar e que buscam viver seus sonhos, a despeito de tantos obstáculos. As irmãs encontram obstáculos no que refere a sua liberdade em relação, dentre outras coisas, ao corpo, à profissão, e a

⁴ Considera-se que essa Roda de conversa, realizada em março de 2021, foi proveitosa para os ouvintes, estabelecendo um momento enriquecedor de discussão. Tivemos a participação da física médica, mestra em Medicina, Janaína Dutra. Sua participação, junto à interação dos alunos e profissionais de distintas áreas, possibilitou um olhar amplo sobre a vivência das mulheres em tempos de pandemia.

relacionamentos. São inferiorizadas por serem mulheres e sofrem com os abusos de uma sociedade machista e conservadora.

Unindo as questões de gênero com a importância de se valorizar o cinema nacional, o projeto Gênero em discussão foi convidado a participar de uma Roda de conversa, promovida por outro projeto, chamado Cineclubes Veredas, também desenvolvido na mesma universidade e que elegeu esse filme como propulsor da discussão. Nesse debate, foi possível falar de temas como relacionamento abusivo, estupro marital, machismo e sexismo, estereótipos relacionados ao gênero, e alguns tabus na sociedade que permeiam a relação da mulher com o próprio corpo e com seus desejos.

Dessa forma, considera-se que o filme *A vida invisível*, enquanto produção cinematográfica que dialoga com as questões da desigualdade de gênero, foi uma importante ferramenta utilizada como propulsora de um debate. A partir de cenas pré-selecionadas, que retratavam, dentre outras coisas, cenas de estupro marital, violência verbal, gravidez indesejada e relacionamento abusivo, foi possível provocar reflexões e despertar maior consciência do público ouvinte que interagiu com as palestrantes convidadas⁵, tirando suas dúvidas e expondo suas opiniões.

Os direitos sexuais/reprodutivos e a urgência de uma educação sexual

Foi com o movimento feminista que pudemos notar os primeiros esforços pela construção dos direitos sexuais, lançando questionamentos e ideias que produziram posteriormente o conceito de direitos sexuais e reprodutivos (ÁVILA, 2003). Tendo como base a perspectiva feminista, a autora aponta que:

Os direitos reprodutivos dizem respeito à igualdade e à liberdade na esfera da vida reprodutiva. Os direitos sexuais dizem respeito à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade. O que significa tratar a sexualidade e reprodução como dimensões da cidadania e consequentemente da vida democrática (ÁVILA, 2003, p. 466).

Nesse sentido, de forma a dar maior ênfase a esse assunto e prezando pelos direitos sexuais e reprodutivos de todas as mulheres e minorias, foi desenvolvida a Roda

⁵ Nessa Roda de conversa, realizada em março de 2021, a Professora e Doutora em História Social Marta Rovai e a aluna do curso de Psicologia Maria Emanuely estiveram presentes, realizando o debate.

de conversa “Os direitos sexuais/reprodutivos e a educação sexual”⁶. Sabe-se que, apesar dos esforços para conquistar os direitos sexuais e reprodutivos, as mulheres são ainda afetadas por uma moral conservadora, que também definiu os relacionamentos sexuais heterossexuais como algo natural e socialmente aceito.

Ademais, de acordo com Ávila (2003), para que realmente se tenha a conquista desses direitos, as políticas públicas devem estar atentas às desigualdades de gênero, de raça, de classe e de expressão sexual, visto que, dependendo do contexto, a restrição à liberdade é ainda mais intensa. Salienta-se que, para que as pessoas tenham conhecimento sobre seus direitos sexuais e reprodutivos, é importante, prezar pela educação sexual, que deve estar presente já na educação infantil. Entretanto, analisando o histórico da educação sexual nas escolas, percebe-se que, quando está presente, encontra-se centrada nos aspectos biológicos da sexualidade, deixando de lado aspectos emocionais, históricos e culturais (RIBEIRO; REIS, 2007). Atualmente, vê-se a necessidade de uma mudança de perspectiva, pois:

A escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionados à sexualidade. Isso, sem ditar normas de “certo” ou “errado”, o que “deve” ou “não deve” fazer ou impor seus valores, acreditando que é melhor para seu aluno - o que pode não ser! O papel do professor é ser mais um “dinamizador de ideias” do que um “expositor da matéria” (RIBEIRO; REIS, 2007, p. 378).

Dessa forma, a partir desse debate, foi possível compreender que os direitos sexuais e reprodutivos são direitos que todos e todas devem possuir, de forma a expressarem sua sexualidade e a reprodução com prazer, livre de todo tipo de coerção e de preconceito.

Mulheres e a divisão sexual do trabalho

Quando discutimos a respeito do trabalho, inevitavelmente, discutimos sobre desigualdades. A precariedade do trabalho, o home office, a dupla/tripla jornada de trabalho, o neoliberalismo, o sofrimento psíquico, a divisão sexual do trabalho e tantas outras condições marcam o contexto em que as mulheres, mais uma vez, se tornam vulneráveis e permeadas pelo machismo, pelo sexismo e pelo preconceito. O projeto

⁶ Nessa Roda de conversa, realizada em abril de 2021, tivemos como convidada a Professora, mestranda e defensora dos Direitos Humanos Viviana Santiago.

Gênero em Discussão foi convidado a participar de um Ciclo de Debates⁷, realizado por uma Liga Acadêmica, na ocasião da data do Dia do Trabalho, e teve a tarefa de falar especificamente sobre a mulher e a divisão sexual do trabalho, esta que decorre das relações sociais de sexo, tendo caráter histórico e social, ou seja, se adaptando e sofrendo transformações ao longo da história (KERGOAT, 2003).

Essa forma de divisão tem como característica a permanência dos homens na esfera produtiva, estando responsáveis por funções de forte valor social agregado, enquanto as mulheres estão, muitas vezes, restritas à esfera reprodutiva e de cuidado (KERGOAT, 2003). Felizmente, a partir da tomada de consciência a respeito da opressão que as mulheres estavam sofrendo, o movimento feminista começou a criar suas bases. Assim, coletivamente, foi-se percebendo que grande parte dos trabalhos eram realizados de forma gratuita por mulheres, e, além de serem invisibilizados, não eram realizados para o próprio desfrute, mas direcionado aos outros. Segundo Kergoat (2003, p. 56), esse trabalho, além de ser realizado para os outros, era sempre “em nome da natureza, do amor e do dever maternal”.

Dessa maneira, em face dessas questões, o ciclo de debates do qual o Projeto participou⁸ foi de grande importância, por trazer discussões relativas à dimensão do trabalho, de um modo geral, e ao lugar que a mulher ainda ocupa nessa dimensão.

Que gênero tem a Psicologia: precisamos debater a desigualdade de gênero

Por um bom tempo, o conhecimento científico foi marcado pelo viés androcêntrico, ou seja, o pensamento do homem esteve acima de todos os outros, sendo o comportamento deste considerado norma universal. Contudo, com a luta feminista, o interesse pelas questões das mulheres possibilitou pensar essa atitude que colocava o homem como o centro e a mulher à margem da sociedade (NEVES; NOGUEIRA, 2003). Assim, em decorrência do ativismo político e acadêmico, despertado em virtude

⁷ O Ciclo de debates promovido pela Liga de Psicologia Social e Comunitária - Silvia Lane (LAPSCO) da Universidade José do Rosário Vellano, foi realizado na semana do Dia do Trabalho, de forma a proporcionar um debate amplo sobre este tema, sendo realizado em três dias consecutivos. Além da Liga, que trouxe como tema principal a relação entre o trabalho, o neoliberalismo e o sofrimento psíquico, o projeto Gênero em discussão se pautou nas questões das mulheres, de sua invisibilidade no ambiente de trabalho e da dupla/tripla jornada de trabalho. Já o projeto Cineclube Veredas, a partir do documentário “Vidas entregues”, abordou a precarização do trabalho hoje.

⁸ No primeiro dia do Ciclo de debates, houve a participação do Psicólogo, Mestre em Psicologia com ênfase em Psicanálise e Sociedade e Especialista em teoria Clínica Psicanalítica Cezar Nogueira Pontalti e do Professor de História João Henrique Corrêa. Já no segundo dia, a Historiadora Gi Del Fuoco compôs a mesa junto ao projeto Gênero em discussão. Para finalizar, no terceiro dia de debate, estiveram presentes a mestranda em Ciências Sociais Maria Júlia Tavares e a Internacionalista Fernanda de Alencar.

do movimento feminista que ganhava força em meados dos anos 1960, a ciência psicológica tem buscado assumir um discurso de igualdade entre os sexos, indo contra ao discurso até então vigente (BURBAN, 1998; HARDING, 1990 *apud* NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Nesse contexto, emerge o que pode ser chamado Psicologia Feminista que, de acordo com Welsh (1992, *apud* NEVES; NOGUEIRA, 2003), se orienta por um princípio antissexista, o qual considera tanto as preocupações e as vivências dos homens, como as das mulheres, de igual valor e importância aos olhos do conhecimento científico. Ademais, pode-se dizer que a Psicologia feminista, além de considerar os efeitos do gênero na construção do conhecimento, não descarta outras condições, como a “raça”, a classe social e a orientação sexual (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Além disso, pensar sobre a Psicologia feminista é repensar o papel da psicologia frente às desigualdades que assolaram e ainda assolam as mulheres em nosso contexto. Esse foi o mote do primeiro dia do evento realizado em agosto, em virtude da comemoração do Dia do Psicólogo. O evento, com o título “Que gênero tem a Psicologia?”⁹, discutiu com psicólogos(as) a necessidade de uma psicologia feminista que esteja atenta a essas questões. Consideramos que realizar um evento sobre esse tema foi de grande valia para os discentes, sobretudo para os discentes do Curso de Psicologia, já que as formações iniciais não contemplam suficientemente essas questões. Em diversos contextos, os(as) psicólogos(as) estarão defronte a minorias e atuar com a perspectiva da igualdade de gênero se mostra essencial. Pode-se dizer que:

Ao advogar o princípio de emancipação feminina, totalmente adverso ao regime patriarcal, os/as psicólogos/as feministas assumem a sua posição pela não neutralidade da ciência psicológica e das suas práticas e politizam os espaços terapêuticos onde se movimentam (NEVES; NOGUEIRA, 2003, p. 43).

Desse modo, essa tomada de posição das(os) psicólogas(os) é imensamente importante, especialmente nas situações de violência, já que as vítimas podem ter suas experiências pessoais reconhecidas e validadas e, assim, superá-las. Os discentes e outros ouvintes que estiveram presentes nesse evento puderam, portanto, repensar e desafiar a lógica da suposta neutralidade que a psicologia deveria assumir.

⁹ No primeiro dia do evento, tivemos a participação da Psicóloga feminista Lavínia Palma e, no segundo dia, o Psicólogo Luiz Francisco Curci Filho foi o convidado para compor a Roda de conversa sobre a masculinidade hegemônica.

Além disso, a masculinidade hegemônica e seu impacto social foi tema de debate do segundo dia do evento “Que gênero tem a Psicologia?”. Partiu-se do pressuposto de que a masculinidade é construída socialmente a partir de ideias que ditam o que é ser um “homem de verdade”. Pressupõe-se que um homem tenha que ser forte em todos os momentos e circunstâncias de sua vida, que não pode chorar e ser frágil, já que estas seriam atitudes femininas. Esse ideário afeta as mulheres, que são tidas como frágeis e inferiores, e os homens que, ao serem estereotipados, assumem um papel muitas vezes violento e tóxico. Cabe destacar que aquilo que é considerado feminino ou masculino é reforçado socialmente e, desde a infância, homens e mulheres são ensinados a se comportarem dentro do padrão considerado normal para seu gênero. Entretanto, como salienta Nigro e Baracat (2018, p. 5), “este ‘código de conduta’, por si só, não é capaz de recalcar as pulsões de cada indivíduo, que ao lutar para enquadrar-se nos moldes do que é socialmente aceito, adoece”.

A partir desse debate, podemos discutir sobre como a masculinidade hegemônica pode ser percebida mediante o incentivo à violência do homem que, muitas vezes, é tida como justificável e também na negação de sentimentos afetivos, visto que, caso os demonstrem, passam a ser caracterizados como fracos e “mulherzinhas”. Além disso, já na infância, os homens aprendem comportamentos agressivos e passam a reproduzi-los, sem que sejam punidos, por meio de jogos, brinquedos e esportes (BROUGÈGE, 2008, *apud* NIGRO; BARACAT, 2018).

Logo, ciente de que a masculinidade hegemônica gera inúmeros impactos negativos na vida do homem contemporâneo, foi possível pensar sobre seus impactos na vida em sociedade, já que, como dito, tal masculinidade afeta os homens e as pessoas que estão ao seu redor, seja por meio da violência por ela desencadeada, seja pelos padrões reforçados. Assim, nesse evento, foi possível pensar em como os homens precisam também discutir sobre essa problemática para que se conscientizem e consigam, em conjunto com a sociedade, alterar o que lhes vem afetando. A Psicologia, nesse sentido, precisa se atentar aos diferentes sofrimentos desencadeados pela educação sexista e por tais padrões por ela impostos, sendo este um caminho para atuações preventivas e para uma escuta que aponte para a emancipação dos sujeitos.

Debatendo as perspectivas para o futuro de uma educação escolar feminista

Pensar em uma educação escolar feminista remete às possibilidades e aos desafios de uma educação escolar que considere a equidade de gênero e que, a partir disso, combata os estereótipos e o sexismo que tanto limitam meninos e meninas, homens e mulheres. Para que isso seja possível, é importante que haja um diálogo entre professores e profissionais da área da educação, a fim de pensar maneiras por meio das quais possam promover maior igualdade dentro dos ambientes educacionais.

Pensando nessas questões, foi realizada a Roda de conversa “Debatendo as perspectivas para o futuro de uma educação escolar feminista”¹⁰. Considera-se que, apesar de serem encontrados muitos desafios para uma educação mais inclusiva e democrática, atualmente observamos maior debate sobre o papel da escola e do docente como mobilizadores ou também como mantenedores dessa realidade social.

Ademais, de forma a exemplificar alguns avanços na esfera legislativa que ocorreram nas últimas décadas, cabe destacar a criação do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres no ano de 2005, que teve a intenção de combater todas as formas de discriminação contra a mulher. Nele, há um item que se refere à educação inclusiva e não sexista, objetivando:

1. incorporar a perspectiva de gênero, raça, etnia e orientação sexual no processo educacional formal e informal;
 2. garantir um sistema educacional não discriminatório, que não reproduza estereótipos de gênero, raça e etnia;
 3. promover o acesso à educação básica de mulheres jovens e adultas;
 4. promover a visibilidade da contribuição das mulheres na construção da história da humanidade;
 5. combater os estereótipos de gênero, raça e etnia na cultura e comunicação.
- (BRASIL, 2005, p. 16, *apud* BRABO, 2015, p. 124).

Além disso, na Roda de conversa, também foi ressaltada a importância de que os professores estejam sempre atualizados e capacitados para lidar com a diversidade presente na escola. Com isso, faz-se necessário que sejam oferecidos, tanto na formação inicial quanto na continuada, debates e atualizações que auxiliem o tratamento dessa temática. Ademais, no sentido de promover uma educação feminista, deve-se ter clareza de que ela não beneficia apenas meninas, mas também meninos, acolhendo ambos em suas diferenças e dignidade.

¹⁰ Nessa Roda, realizada em outubro, tivemos a participação da Giovana Cardoso, que quando realizado o evento era discente do curso de pedagogia e também pesquisadora nos campos da literatura infantil e representatividade. Além dela, a Roda de conversa também contou com a participação da pedagoga Marcella Godinho Nascimento que atua em diversos segmentos da educação.

Dessa maneira, quando permanece um tratamento diferenciado para meninas e para meninos na educação, podem-se ver seus reflexos em outros ambientes sociais e instituições; por isso, é importante que a discussão sobre as relações de gênero ocorra de maneira crítica e atualizada. A Roda de conversa possibilitou esse olhar atento, já que a pedagoga convidada relatou possibilidades e limites para essa educação em sua prática e a graduanda trouxe sua visão para o que lhe espera, mostrando que pretende ter uma prática acolhedora, feminista e que possibilite a igualdade entre os sexos. É isso que se aspira, para o futuro, que mais pessoas estejam comprometidas com uma educação que possibilite maior liberdade e igualdade.

Produzindo um evento cultural: o Sarau Discutindo gênero hoje

A arte possui uma dimensão humanizadora e um grande potencial para afetar o sujeito, possibilitando que novos olhares sejam lançados sobre uma realidade que passa despercebida em muitas ocasiões (SOUZA; DUGNANI; REIS, 2018). Como exemplo, pode-se citar a desigualdade de gênero que, apesar de se tratar de um fenômeno recorrente em nossa sociedade, em muitos casos, é desconsiderada como um problema que marca profundamente nossa sociedade.

Pensando nisso e levando em consideração que a psicologia pode impulsionar reflexões a partir da arte, como último evento do ano, foi organizado o 1º Sarau Feminista: Discutindo Gênero Hoje. Nele, os extensionistas e a professora docente e orientadora do Projeto puderam compartilhar com o público ouvinte um pouco de suas produções artísticas. O Sarau foi realizado também por meio da Plataforma do Youtube, tendo sido apresentados três poemas e uma crônica, recitados por seus autores (as). O evento contribuiu para a expressividade, para a imaginação e para a criatividade daqueles que estavam presentes, tanto os apresentadores de suas produções como o público. Afinal, a arte possibilita:

[...] alterar o ritmo da e na vida vivida, por meio do estabelecimento de pausas que possibilitem ao sujeito exercitar seu olhar na busca do não aparente, a fim de desvelar os mistérios e as causas que fazem a realidade se apresentar tal como é (SOUZA; DUGNANI; REIS, 2018, p. 377).

Tendo sido realizado no final do ano letivo, o Sarau se caracterizou como um momento de descontração, não deixando de lado a reflexão. As produções trouxeram reflexões que permitiram pensar nas mulheres do passado, do presente e do futuro; foi possível pensar nas mudanças que já conquistamos e naquelas que ainda precisamos

buscar; foi possível pensar para além do aparente. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a arte “favorece as ressignificações dos sujeitos sobre seu papel nas diferentes interações de que tomam parte e sobre suas condições de vida atual e futura” (SOUZA; DUGNANI; REIS, 2018, p. 376).

Planejamento e execução das ações comunitárias

Em um contexto em que os recursos públicos destinados às demandas sociais se tornam mais escassos e as necessidades, ao contrário, aumentam, o Projeto de Extensão planejou e executou duas ações comunitárias no ano de 2021. Primeiramente, foi realizada a campanha solidária para a arrecadação de alimentos para ajudar famílias alfenenses, principalmente as chefiadas por mulheres, a manter sua alimentação. Tal demanda decorre do aumento significativo de pessoas passando fome no Brasil, evidenciado pela pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDE PENSSAN, 2021), indicando que em meio à pandemia, 19 milhões de brasileiros passaram fome e mais da metade dos domicílios no país enfrentou algum grau de insegurança alimentar.

A partir de conta divulgada nas redes sociais do Projeto, oito famílias chefiadas por mulheres de baixa renda foram beneficiadas. A distribuição de cestas básicas ocorreu em julho de 2021.

Além disso, foi realizada a campanha de arrecadação de fundos para a compra de absorventes para adolescentes em situação de vulnerabilidade no município de Alfenas-MG. Tal ação se deve ao fato de que, de acordo com o estudo *Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos* (2021), 713 mil meninas vivem sem acesso a banheiro ou ao chuveiro em seu domicílio e mais de 4 milhões não têm acesso a itens mínimos de cuidados menstruais nas escolas.

Dessa maneira, com a análise da demanda da comunidade acadêmica e externa, foi possível desenvolver um pensamento crítico e um olhar atencioso para situações e para ocorrências que expressam desigualdade e/ou violência, as quais muitas vezes são mascaradas e passam despercebidas.

Debate e formação: O curso sobre Violência contra a mulher

Também como parte do Projeto, foi criado o Curso “Violência contra a mulher: informação e prevenção”, ministrado nos meses de agosto e de setembro de 2021. Primeiramente, foi realizado como Curso de Inverno mediante aprovação do Edital para

Cursos de Inverno da Universidade José do Rosário Vellano e, posteriormente, mediante edital, foi realizado no XXII Encontro Regional da ABRAPSO Minas. Neste último, o Curso foi direcionado principalmente a psicólogos(as) e a estudantes de Psicologia, prezando, assim, a necessária reflexão sobre a desigualdade de gênero na formação inicial e continuada e o compromisso social da psicologia com a superação desse cenário.

A organização e realização do curso foram muito proveitosas para as idealizadoras que puderam estudar mais sobre o assunto, conhecer novas informações e desenvolver material de apoio.

O material, com o mesmo título do curso¹¹, foi dividido em três tópicos principais, os quais contam com outros subtópicos de igual importância. Primeiramente, aborda a dimensão da violência contra a mulher, incluindo, dentre outros pontos, as diferentes manifestações da violência (inclusive as mais sutis) e suas inter-relações; os mecanismos de violência contra a mulher; além de tratar do ciclo da violência e de como identificá-la. Foram mencionados também os marcos legislativos no mundo e no Brasil de combate à violência contra a mulher. Ainda foram abordadas no material as possibilidades de se dar apoio e suporte à mulher, tanto em nível pessoal, como especializado no Brasil, identificando as redes existentes de apoio, de orientação e de proteção à mulher. Por fim, a última parte foi direcionada à necessidade de se construir uma sociedade com equidade de gênero como forma de prevenção e de combate à violência, ressaltando-se, em especial, o papel das (os) psicólogas (os) em seu enfrentamento.

Foi importante a realização desse Curso, sendo um momento de grande interação com os cursistas presentes. Principalmente no XXII Encontro Regional da ABRAPSO Minas, que atraiu diversos profissionais, psicólogos (as), feministas, ativistas e estudantes, permitindo a troca de ideias e perspectivas, já que apesar da formalidade do curso, desencadeou-se um momento de diálogo e de aprendizado mútuo. Além disso, um dos destaques do Curso e do material idealizado foi a divulgação do Violentômetro (CENTRE HUBERTINE AUCLERT, 2021), que consiste numa escala de violência feita para ajudar mulheres em risco - nele é possível identificar e alertar as mulheres sobre sinais de relacionamento abusivo e violento.

¹¹ O material foi publicado como livro digital e se encontra no site da Extensão da Unifenas, podendo ser acessado no mesmo site (MOURA; SIMÕES, 2021).

Dessa forma, pode-se dizer que o Curso trouxe uma nova dimensão para o Projeto, ampliando seu alcance e relevância social. É oportuno dizer que o Curso, em suas duas realizações, somou a participação de, em média, 100 pessoas. Com isso, pôde-se perceber, mais uma vez, o potencial que a Extensão tem para contribuir com a comunidade, disseminando informações essenciais para a superação da violência contra a mulher na sociedade.

Considerações finais

Considerando-se a dimensão da violência contra a mulher hoje e a ainda persistente desigualdade de gênero em nossa sociedade, uma das funções da Extensão Universitária consiste em reafirmar o compromisso social da universidade na superação desse problema. Esse foi o mote do trabalho de Extensão aqui apresentado.

Dado o contexto da pandemia, grande parte das atividades acadêmicas tiveram que ser feitas num formato virtual, buscando as plataformas para a transmissão que permitiram, afinal, contato com palestrantes de diversas formações e regiões do país, conectados todos(as) com o mesmo propósito. Do mesmo modo, o Curso oferecido pelo Projeto permitiu disseminar informações relevantes no que se refere à prevenção e à superação da violência contra a mulher para diversos públicos e, em especial, para futuros(as) psicólogos(as), permitindo construir um debate coletivo que visa ao fortalecimento da rede de proteção e ao enfrentamento dessa violência.

O Projeto de Extensão “Gênero em discussão: diálogo e intervenção na comunidade” também desenvolveu ações pontuais na comunidade externa, tendo em vista necessidades que puderam naqueles momentos ser atendidas pelo Projeto.

Portanto, tanto as atividades que tiveram maior alcance na comunidade acadêmica, o que compreendeu as Rodas de Conversa, quanto as atividades direcionadas à comunidade externa, permitiram contribuir para a formação sobre o tema e para a construção de um olhar atento às desigualdades de gênero que permeiam nossa sociedade, desconstruindo, com isso, ideologias sexistas, e atentando para direitos essenciais que são o pilar de uma sociedade democrática. O desenvolvimento desse Projeto em um curso de Psicologia e a realização de debates que atentaram para a necessária relação entre a saúde mental das mulheres e a realidade concreta por elas vivida apontam para o compromisso da Psicologia na superação de um cenário indigno, violento e produtor de sofrimento psíquico.

Desse modo, atuar na proteção das mulheres, em seu apoio, mas também na superação coletiva dessa realidade, é um compromisso urgente ao qual a Extensão universitária necessita se dedicar e parece ser este o caminho fundamental de sua contribuição presente e futura para uma sociedade mais digna para todas e para todos.

Referências

- ÁVILA, M. B. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 465-469, 2003.
- BARBOSA, A. L. N. H.; COSTA, J. S.; HECKSHER, M. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes? In: _____ **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n.69, p.55-63, 2020. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36187&Itemid=9. doi:10.13140/RG.2.2.18383.10408
- BARBOSA, J. P. M. et al. Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia pela covid-19. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800027>>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- BATALHA, M. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.
- BOCK, A. O compromisso social da Psicologia: contribuições da perspectiva sociohistórica. **Psicologia em Foco**. v. 1, n.1 jun.-dez. 2008.
- BRABO, T. S. A. M.. Movimentos sociais e educação: feminismo e equidade de gênero. In: RI, N. M. D.; BRABO, T. S. A. M. **Políticas educacionais, gestão democrática e movimentos sociais**. Marília: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, p. 109-128, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/politicaseducacionais_ebook.pdf#page=109>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- BRASIL. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2005.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7 Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BURMAN, E. Deconstructing feminist psychology. In Erica Burman (Ed.), **Deconstructing feminist psychology** (pp. 1-29). London: Sage Publications.
- CENTRE HUBERTINE AUCLERT. **Le violentomètre**. Disponível em: <<https://www.centre-hubertine-auclert.fr/article/outil-de-prevention-desviolences-le-violentometre>>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005. Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- FÓRUM BRASIEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 3ª edição - 2021**.
- HARDING, Sandra. Feminism, Science and the anti-enlightenment critiques. In L. Nicholson (Ed.), **Feminism/Postmodernism**. New York: Routledge, 1990.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra em domicílio PNAD covid 19**, Set. 2020, Resultado mensal.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M. *et al.* Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres. São Paulo: **Coleção da**

- Coordenadoria Especial da Mulher**, 2003, p. 55-63. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf#page=55>>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- KOGLIN, T. S. S.; KOGLIN, J. C. O. A importância da extensão nas universidades brasileiras e a transição do reconhecimento ao descaso. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 10, n. 2, p. 71-78, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/10658/7166>>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- LEMOS, A. H. C.; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.
- MOURA, C. H. G.; SIMÕES, M. E. A. S. **Violência contra a mulher: informação e prevenção**. [livro digital]. Alfenas, 2021. Disponível em: <<https://www.unifenas.br/extensao/e-book/APOSTILA%20%20violencia%20contra%20a%20mulher%20%20CURSO%20DE%20INVERNO.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- NEVES, S.; NOGUEIRA, C. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re) construção dos espaços terapêuticos. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, p. 43-64, 2003.
- NIGRO, I. S.; BARACAT, J. Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade**, Garças, São Paulo, v. 30, n. 1, p.4-19, 2018.
- ONU MULHERES. **Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta**. 2020c. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR. VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: **Rede Penssan**, 2021. Disponível em: <<http://olheparaafome.com.br/>>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- RIBEIRO, M; REIS, W. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 375-386, 2007.
- SOUZA, V. L. T.; DUGNANI, L. A. C.; REIS, E. C. G. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 35, p. 357-388, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>>. Acesso em: 10 jan. 2022
- UNFPA/UNICEF. **Pobreza menstrual no brasil: desigualdades e violação de direitos**. Brasil, 2021, 51p.
- WELSH, M. J. The Construction of Gender: Some Insights from Feminist Psychology. **Accounting Auditing & Accountability Journal**. 5, n.º 3, p. 120-132, 1992.

Recebido em janeiro de 2022.
Aprovado em maio de 2022.